

Correntes Filosóficas norteadoras da Educação: estagnação ou transformação?

Francisco Estefogo¹

Resumo: A educação tem papel preponderante na humanização do ser humano, bem como nos avanços científicos e tecnológicos. Para Freire, os processos educativos deveriam ser viabilizados a toda a coletividade, de modo que os saberes escolares possam ser ferramentas para fomentar a transformação, de forma democrática e igualitária. No entanto, poucos têm acesso ao mundo desenvolvido e tecnológico emoldurado pela educação, pois há ações educativas pautadas numa vertente estagnada e eletiva, que não propiciam transformações para toda a coletividade. Na contramão, a educação transformadora dissemina o bem-estar comum à coletividade, abraçando a diversidade e a coletividade, instigando o pensamento crítico e, assim, questionando o status quo. Este artigo objetiva discutir algumas das proposições filosóficas centrais que pautam a gênese da educação, desde a Grécia antiga até o final da Idade Moderna, e os primeiros anos da Idade Contemporânea. A centralidade do artigo é refletir sobre as matizes

1 Pós-doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP. Diretor acadêmico da Cultura Inglesa Taubaté-SP e professor do Programa de Mestrado em Linguística Aplicada da UNITAU. Pesquisador do programa DIGITMED Hiperconectando Brasil, da PUC-SP, líder do GEPL (Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagens Emancipatórias), vinculado à UNITAU e graduando em Filosofia pela Faculdade Dehoniana.

filosóficas que medeiam o processo educativo direcionado para a transformação e/ou para a estagnação.

Palavras-chave: Educação transformadora. Educação reprodutora. Preceitos filosóficos educacionais. Idade Média. Idade Moderna.

Abstract: Education has a paramount role in the humanization of the human being, as well as in scientific and technological advances. For Freire, educational processes should be available for the whole community, so that school knowledge can be tools to foster transformation, in a democratic and egalitarian way. However, just a few have access to the developed and technological world framed by education, as there are educational actions based on a stagnant and elective aspect, which do not provide transformations for the whole community. On the other hand, transformative education disseminates the common well-being of the collectivity, embracing diversity and collectivity, instigating critical thinking and, thus, questioning the status quo. This article aims to discuss some of the central philosophical propositions that guide the genesis of education, from ancient Greece to the end of the Modern Age, and the early years of the Contemporary Age. The centrality of the article is to reflect upon the philosophical nuances that mediate the educational process aimed at transformation and/or stagnation.

Keywords: Transformative education. Reproductive education. Educational philosophical precepts. Middle Age. Modern age.

Introdução

A partir do momento que o conhecimento legitima a potencialidade revolucionária,² a educação se faz premente e está estreitamente relacionada ao desenvolvimento humano. Permitindo o acesso à cultura e aos conhecimentos historicamente produzidos, no nível individual, a educação assume papel central na evolução da percepção, da consciência, da memória, do pensamento, do raciocínio dedutivo, das emoções, dentre outras características essencialmente humanas. O processo de humanização ocorre na medida em que o ser humano se embrenha nos conhecimentos construídos pela sociedade ao longo da sua trajetória de vida. Portanto, a humanização é decorrente da educação.³

2 Cf. LIMA, F. B. G. A constituição da educação escolar moderna: do viés emancipador à estagnação conservadora, in *Germinal: Marxismo e Educação em Debate* 3 (2019), p. 24.

3 Cf. AITA, E. B.; TULESKI, S. C., in *Perspectivas em Diálogos: Revista de Educação e Sociedade* 7 (2017), p. 167.

Num nível mais macro, para Freire⁴, a educação, como agente transformativo, inspira mudanças radicais na sociedade, na economia, nas relações humanas e na busca dos direitos, dos sonhos e da liberdade. Sendo assim, pela perspectiva freireana, sem educação uma sociedade não evolui, tampouco se transforma.

É indubitável o papel da educação para o progresso científico e tecnológico, pois a condição humana se moderniza e avança por meio de mais conhecimentos relacionados à saúde, à comunicação, à mobilidade, às condições de vida, às habilidades físico-motoras, à produtividade, dentre outros acontecimentos evolutivos que são de suma importância para o progresso social.⁵

Depreende-se, assim, que não há mudanças ou transformações sem os processos educativos e a história, ou seja, a educação é imprescindível para formação cultural, social, política e econômica da sociedade. E os responsáveis ativos para essa transformação são os seres humanos, os verdadeiros agentes construtores da história.⁶

No entanto, dissociada da vida social, a educação não tem forças para efetivamente transformar a realidade para toda a coletividade por conta dos jogos políticos e ideológicos de grupos hegemônicos que agem orientados para interesses particulares.⁷ Nessa linha, Freire⁸ entende a educação como um dos instrumentos possíveis para a libertação dos oprimidos. Para o educador e filósofo brasileiro, o ser humano, de forma geral, desconhece a força mobilizadora da sua liberdade e da sua essência como ser humano.⁹ Assim, as barreiras e os obstáculos que os oprimidos enfrentam,

4 Cf. P. FREIRE, *Pedagogia da Autonomia*, 1993, p. 54.

5 Cf. S. SCHWARTZMAN; C. SPIEL, *A contribuição da educação para o progresso social*, 2018, p. 76.

6 Cf. P. FREIRE, *Educação e mudança*, 2007, p.46 e P. FREIRE, *Conscientização: Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, 2006, p. 4.

7 Cf. P. G. LIMA, Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo, in *Pro-Posições* 3 (2014), p. 19.

8 Cf. P. FREIRE, *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, 1992, p. 336 e P. FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, 1987, p. 107.

9 Cf. F. ESTEFOGO; F. LIBERALI, *A potência afetiva na transgressão de discursos opressores*. Prelo, p. 50.

normalmente impostos pelos dominantes, precisam ser superados e rompidos por uma educação transformadora e emancipatória. A construção de uma sociedade mais equânime será, assim, possivelmente mais auspiciosa.

Na outra ponta, por conceberem os entraves sociais como determinantes históricos e, dessa forma, que nada pode ser transformado, além da mera e analgésica adaptação a eles, os dominantes apenas mantêm o *status quo*.¹⁰ Eles se acomodam na ausência de um projeto livre, criativo, genuíno e autêntico, flertando com projetos autoritários e opressores, características da educação estagnada.¹¹

Este artigo objetiva discutir algumas das principais correntes filosóficas que baseiam a gênese da educação, desde a Grécia antiga até o final da Idade Moderna e os primórdios da Idade Contemporânea, ou seja, entre os séculos XVIII e XIX. O foco é refletir sobre as nuances filosóficas que permeiam o processo educativo voltado para a transformação e/ou para a estagnação e a reprodução do *status quo*.

Para tanto, este artigo está organizado da seguinte forma: primeiro, as concepções de Platão e Aristóteles, filósofos da Grécia antiga, acerca da educação serão brevemente apresentadas; posteriormente, os holofotes do artigo se voltam para os principais pensamentos filosóficos concebidos na Idade Média e no começo da Idade Moderna, no que diz respeito à educação. Ao final, considerações serão feitas em relação à educação transformadora e/ou a de estagnação à luz das principais discussões filosóficas apresentadas.

1. A gênese da educação na Grécia Antiga

Um dos focos de Platão (427-347 a.C.) era a justiça como força motriz para o funcionamento de uma cidade ideal. Por isso, a preocupação do filósofo grego era com a formação do cidadão como um agente político, elemento central

10 Cf. P. FREIRE, *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, 1992, p. 336 e P. FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, 1987, p. 107.

11 Cf. *Idem*, p. 107.

de uma cidade justa.¹² Dessa forma, a educação tinha proposições políticas, pois os cidadãos deveriam opinar e participar das decisões acerca dos rumos da sociedade com intuito de viver numa cidade onde a justiça imperaria. Assim, a educação era central para o êxito dos cidadãos na participação dos discursos relacionados à *pólis*, cujo objetivo final era formar moralmente o indivíduo para viver em um Estado justo. A partir dessa concepção platônica, entende-se que o indivíduo é o agente ativo construtor da realidade, e a educação é o celeiro de ferramentas para substanciar as proposições políticas em prol da sociedade igualitária, tendência da educação transformadora.

Na perspectiva platônica, a formação do indivíduo moral é um dos principais objetivos da educação. Para tanto, o ideal de justiça deve ser legitimado pelo Estado. Na monumental obra *A República*, Platão¹³ permite-nos conceber a educação a partir da sociedade que almejamos. No mais, pela ótica platônica, a educação é um processo para se alcançar a liberdade, pois a condição de ignorância pode ser transformada. Diz o filósofo grego no Livro II da *República*: “porque o homem livre não deve ser obrigado a aprender como se fosse escravo. Os exercícios físicos, quando praticados à força, não causam danos ao corpo, mas as lições que se fazem entrar à força na alma nela não permanecerão”. Notam-se, a partir dessa concepção educativa em relação à justiça e ao fomento da liberdade, nuances filosóficas que permeiam o processo educativo direcionado para a transformação e em prol da coletividade.

Na contramão, quando a ação governamental está amarrada na ambição dos proprietários que obviamente não pensam no bem-estar comum da cidade, mas apenas em seus interesses econômicos particulares, a *pólis* se torna injusta.¹⁴ O Estado fica em constante guerra para contemplar e vislumbrar desejos individuais de honra, glória, poder e posses. De um lado os dominantes, e do outro, com poucas chances de reação, os oprimidos.

12 Cf. PLATÃO, *A República*, 1991, p. 412.

13 Cf. *Ibidem*, p. 412.

14 Cf. *Ibidem*, p. 412.

Vislumbra-se, frente a essa injustiça, a educação estagnada, pois os dominantes, direcionados às metas particulares ambiciosas, valem-se de projetos autoritários e opressores para conquistar e se manterem no poder.

Para Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão, a felicidade, ou o bem-estar comum, é o cerne da educação, cujo principal papel é preparar o indivíduo para a vida coletiva em sociedade. Na concepção aristotélica, a cidade perfeita e a felicidade dos indivíduos são os elementos constituintes da *Política*.¹⁵ Essa convivência em coletividade deveria se constituir por meio da virtude decorrente da educação, a partir de um conjunto de atividades pedagógicas coordenadas, e pela prática de atos virtuosos, sobretudo, vindos da família. Infere-se, assim, que a educação aristotélica está alicerçada na equânime condição de felicidade a todos os cidadãos da *pólis*. Para tanto, urge que se promova a construção de narrativas igualitárias e de uma intensa participação da comunidade, característica da educação transformadora.

O domínio da cultura grega no mundo antigo foi de uma importância central para o pensamento ocidental. Na verdade, esse período é conhecido como helenismo, termo cunhado pelo historiador alemão, especialista em cultura clássica, Johann Gustav Droysen.¹⁶ Trata-se da fusão dos elementos da cultura helênica grega com a cultura ocidental que permitiu a conquista de várias regiões pelo Império de Alexandre Magno. A educação, o comércio, a arquitetura e a arte do ocidente foram searas fortemente influenciadas.

A alma asiática é, de maneira geral, mais ativa, mais uniforme e mais limitada que a alma ocidental. Era impossível fazer tabula rasa dos seus preconceitos e costumes, bem como da individualidade profunda dos povos orientais. O trabalho de assimilação só podia se efetuar lentamente, por etapas sucessivas (...). O que triunfou sobre o Oriente, em última instância, não foram os gregos, mas a civilização helênica. Por esse fato, ela se investiu de uma importância primordial.

15 Cf. ARISTÓTELES, *Política*, 1997, p. 380.

16 Cf. J. G. DROYSEN, *Alexandre: o grande*, 2010, p. 238.

Os elementos dessa civilização (...) eram o racionalismo e a autonomia democrática.¹⁷

Mais particularmente, a cultura helênica interferiu na maneira como o pensamento ocidental se constitui em relação à causa e efeito, bem como à lógica aristotélica,¹⁸ à distinção entre o ideal e o real, discutida por Platão,¹⁹ à fuga dos vícios para se evitar o sofrimento,²⁰ à alegria de viver de Zenão de Atenas, dentre outros pensamentos filosóficos.

O processo educativo certamente foi uma das esferas da sociedade mais impactadas pelo helenismo, pois o ideal da educação helenística era a formação integral do indivíduo, em prol do equilíbrio e da harmonia plena entre o corpo e a alma, do caráter e do espírito, das emoções e da razão.²¹ Viceja-se, dessa forma, a educação emancipatória e transformadora, dado o fato que a formação integral humana pressupõe o desenvolvimento da percepção, do pensamento, da consciência, dos sentimentos, do equilíbrio, dentre outras particularidades do ser humano.

2. A educação na Idade Média

Na Idade Média, entre os séculos V e XV, os mosteiros eram as instituições responsáveis pela ação educativa. Alunos da elite e estudos profundamente relacionados à religião eram a ordem da vez.

O mosteiro foi o primeiro espaço de organização e preservação dos saberes na Idade Média. Eles salientam que a concepção que temos de um local especialmente destinado à sistematização do ensino e do conhecimento nasceu da ideia cristã de evangelização presente no mosteiro e nas escolas cristãs dessa época. Afiançam que a palavra *escolare* deu origem não só a escola, mas que

17 *Idem*, p. 238.

18 *Ibidem*.

19 Cf. PLATÃO, *A República*, 1991, p. 412.

20 Cf. EPICURO, *Carta sobre a felicidade*, 2002, p. 56.

21 Cf. A. J. MANUEL, *Paradigmas de educação na antiguidade greco-romana*, 1995, p. 10.

o conceito filosófico que norteou o ensino, ao longo do medievo, deriva dessa sistematização do conhecimento. Em razão disso recebeu o nome de Escolástica.²²

Como as habilidades educacionais básicas como ler, escrever e fazer operações matemáticas eram privilégios de poucos e abastados, e com o advento das atividades comerciais, a burguesia passa a investir em processos educativos direcionados para ensinamentos práticos que os auxiliassem prosperar financeiramente. Dito de outra forma, a ação educativa da Idade Média está diretamente atrelada à burguesia e ao capitalismo. Somente as camadas mais altas da sociedade tinham acesso à educação. A outra grande parte da população era analfabeta. Entende-se, dessa forma, que nesse período há uma desigualdade social berrante que deixa os oprimidos à margem. Suscita-se, assim, uma educação de caráter estagnado, injusto e desigual, pois somente os dominantes tinham acesso ao sistema educativo.

A Filosofia Escolástica foi inspirada nos preceitos filosóficos de Platão e de Aristóteles, além de ter uma fundamentação cristã pautada nas escrituras sagradas. Como já mencionado, na Idade Média, a igreja influenciava fortemente os aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos da sociedade. Portanto, não diferente, a educação estava sob a égide da Igreja.

A tônica teocêntrica, ou seja, Deus como o centro do mundo, marca esse período pela criação das primeiras universidades medievais na tentativa de construir um discurso filosófico-cristão, o que possibilitou o surgimento da Teologia como o estudo científico do sagrado.

Como o processo de educação na Idade Média estava sobre o forte domínio do teor teocêntrico, o papel da Igreja para a difusão da educação e da cultura foi central no sistema educacional, com grande influência no sistema de ensino como é ainda conhecido nos dias de hoje, em algumas situações. As instituições de ensino eram comandadas por cônegos, ou *scholarius/scholasticus*. Dentre outras áreas de estudo, gramática, retórica, aritmética, geografia,

22 T. OLIVEIRA, Os mosteiros e a institucionalização do ensino na Alta Idade: uma análise da história da educação, in *Série-Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB*, 25 (2008), p. 208.

astronomia e música, que ainda fazem parte da grade curricular de muitas universidades contemporâneas, eram disciplinas comuns ministradas pelos clérigos.

Se a vida política ditava a concepção de sociedade na Grécia antiga, como discutido anteriormente, na Idade Média esse papel fica com a religião. A educação deixa de ser focada no ensino de habilidades políticas e passa a ter forte influência da Igreja Católica. Logo, os cristãos eram os favorecidos no que tange ao acesso à educação. Denota-se, destarte, um desequilíbrio em relação aos direitos sociais dos cidadãos, pois os pagãos, portanto, são os desafortunados que se sofrem privações relacionadas às melhores condições de vida. Nesse modelo educacional, a tônica de padecimento ganha destaque.

As *universitas*, que na atualidade são as universidades, eram associações constituídas por alunos e professores que reagiam às restrições das autoridades eclesiásticas ao dificultar a autorização do funcionamento das instituições educacionais.

Para o maior representante da Filosofia Escolástica, o teólogo e filósofo italiano São Tomás de Aquino (1225-1274), o desafio da época era racionalizar o pensamento cristão, isto é, refletir sobre a relação entre a razão e a fé. Uma das monumentais contribuições tomistas diz respeito à concepção de que todos os seres humanos, cristãos ou pagãos, poderiam alcançar um dos bálsamos divinos: a razão. Dessa maneira, São Tomás de Aquino democratizou a inteligência e a sabedoria, independentemente de credos e lugares. A experiência pessoal, a observação ímpar de cada um, a maneira de ver e entender o mundo, bem como o pensamento individual não poderiam ser ações humanas decorrentes de uma autoridade superior imposta e dogmática.

Mesmo sendo um fervoroso religioso e, portanto, de profunda fé, Tomás de Aquino propagou a investigação científica como ferramental para apurar processos duvidosos. A sabedoria e o conhecimento, de qualquer cidadão, rico ou pobre, cristão ou pagão, podem ser oriundos tanto da intuição humana como da racionalidade, além da ciência e, assim, das descobertas e dos avanços. Compreende-se, portanto, que o aspecto igualitário, marca da educação transformadora, seja a tônica do processo educativo à luz da visão tomista.

3. A educação da Idade Moderna

Com o início da Idade Moderna em torno de 1453, devido à Tomada de Constantinopla, momento em que revoluções na forma de produção material da vida social precedem revoluções socioeconômicas de grande impacto mundial, tal como a Revolução Francesa, em 1789, uma nova perspectiva da educação ganha vigor. O processo educativo é considerado não só como um meio de fomentar o desenvolvimento humano, mas também um catalisador para catapultar as transformações sociais. Trata-se, na verdade, de um momento sócio-histórico em que a estrutura social passa a ser conscientemente questionada. A organização e a conformação social não são mais vistas como uma ordem divina, típica da Idade Média, mas sim relativa à própria humanidade, que pode transformá-las.

Com o Renascimento, movimento cultural ocorrido entre os séculos XIV e XVI, principalmente em algumas cidades italianas, como Florença, os valores católicos, cultivados durante a Idade Média, são contrapostos. A força teocêntrica perde espaço para o antropocentrismo, ou seja, o humano passa a ser visto como centro do mundo. Os sentimentos, as formas, as instituições e as atividades e as essências humanas ganham relevo.

Mais particularmente, o Renascimento foi um dos movimentos centrais que propiciou inúmeras transformações artísticas, ideológicas, políticas, filosóficas, científicas e culturais. O mundo passou, então, a ter uma visão racionalista dos acontecimentos e dos fenômenos naturais. Dessa forma, os valores, os desejos, as preocupações, os sentimentos, as descobertas e os comportamentos humanos foram extremamente valorizados na seara das artes, da cultura, da política, da filosofia e da ciência. Nesse contexto, a Igreja perde o antigo monopólio como instituição escolar que lhe garantia posição central na produção do conhecimento.

Para enfrentar a recessão com o fechamento das fronteiras comerciais da Europa e do Oriente, os Estados Nacionais se constituem a partir da junção do poder econômico e do poder temporal. Esses dois poderes fazem com que a Igreja perca a hegemonia sobre a Europa. As várias reformas religiosas deixam a instituição religiosa numa situação ainda mais claudicante. Assim, o Estado

é assumido pelo Absolutismo Monárquico. Com isso, revoluções liberais ou burguesas ganham espaço e, assim, o poder econômico ofusca o poder político.

Essa sobreposição do poder econômico, que é fortalecido pela economia, nas relações humanas em relação às outras formas de poder, é ainda, infelizmente, o que comanda a contemporaneidade. Deixa rastros devastadores em relação à desigualdade social, pois os dominantes detêm a força motriz da economia, da educação, da cultura. Dependendo da forma como a educação é entendida, essa desigualdade social se torna ainda mais abismal, mesmo nos idos do século XXI.

4. Inspirações filosóficas pós-renascentistas

Nesta seção, há uma breve discussão dos principais expoentes filosóficos decorrentes da tônica humanista pavimentada pelo rastro do Renascimento. A centralidade das proposições que se seguem certamente está relacionada ao desdobramento dos processos educativos.

Com a proposição de uma educação livre do controle religioso, Erasmo de Roterdã (1466-1536) defendia a liberação da criatividade e da vontade do ser humano, em oposição ao pensamento escolástico, segundo o qual todos os fenômenos terrenos deveriam estar subordinados à religião. Para o filósofo holandês, os livros eram um imenso tesouro cultural, que deveria constituir a base do ensino.²³ Como o interesse pelo conhecimento das línguas antigas era grande, Erasmo se debruçou nos estudos do Novo Testamento e dos primeiros pensadores da fé cristã, o que constituiu um dos principais pilares da educação moderna. O filósofo humanista, teólogo e neerlandês acreditava no poder transformador da educação liberal e cristã, que prepara o ser humano tanto para a vida religiosa, como para a vida liberal.

Inspirado na verdade efetiva, isto é, na ação humana e, portanto, na maneira como os governantes agem, Nicolau Maquia-

23 Cf. E. ROTERDÃ, *A Filosofia de Erasmo de Roterdã*, 2004, p. 368.

vel (1469-1527) rejeita a política normativa dos gregos e defende uma nova política racional. Na sua magnânima obra *O Príncipe*, o filósofo discute como surgem os regimes de governo, bem como o Estado Moderno é mantido.²⁴ Assim, Maquiavel esboça a figura de um regente, o Príncipe, que promova um o Estado forte e estável. No livro, a explicação da origem do Estado está relacionada ao modo como os indivíduos vivem em sociedade. O Estado não se constitui por meio da religião ou de uma moral transcendente, pois é um reflexo da sociedade. Maquiavel defende um Estado laico. A política, portanto, deve ter uma sua base na racionalidade estratégica e instrumental, de meios e fins, de razão prática, a partir da observação, segundo a perspectiva do historiador, poeta, diplomata, músico e filósofo italiano de Florença.

Na contramão, baseado na tirania e na corrupção política, bem como no abuso da propriedade privada, nos desequilíbrios sociais, além do desemprego e da miséria na Inglaterra do século XVI, Thomas More (1478-1535) propõe, no livro *A Utopia*, um Estado perfeito e exemplar. Seria uma esfera constituída a partir de um modelo de uma sociedade ideal, essencialmente agrícola, estável e de alto nível de vida material e espiritual. Para o filósofo, político, humanista e diplomata inglês, a condição da felicidade e do convívio social poderia ser atingida a partir da realização da justiça, de modo que houvesse um governo eficiente e desinteressado.²⁵ Assim, todos teriam as mesmas condições de vida. Com base nessa concepção filosófica, envereda-se por uma educação transformadora, pois os direitos são entendidos como benesses providas a todos os cidadãos.

As proposições filosóficas de Francis Bacon (1561-1626) são importantes para as ciências modernas e, portanto, para a educação, pois ele formulou os fundamentos da metodologia científica.²⁶ Para o filósofo político, cientista e ensaísta inglês, a

24 Cf. N. MAQUIAVEL, *O Príncipe*, 1996, p. 109.

25 Cf. T. MOORE, *A Utopia*, 1997, p. 160.

26 Cf. L. ZATERKA; G.L.A. BARBOSA, Francis Bacon e a constituição do ideal científico moderno, in MOURA, B. A., e FORATO, T. C. M., *Histórias das ciências, epistemologia, gênero e arte: ensaios para a formação de professores*, 2017, p. 22.

verdadeira ciência é a das causas, dos acontecimentos reais. Seu método é conhecido como racionalista experimental, pois o foco era a seara dos fatos empíricos que, assim, possibilitassem a construção de um conhecimento mais sólido, pautado em fatos e proposições científicas.

Ainda pelo tomado encanto da racionalidade renascentista, teor das proposições filosóficas discutidas anteriormente, René Descartes (1596-1650) revolucionou o pensamento filosófico moderno porque acreditava na existência de uma verdade absoluta, incontestável. Para atingi-lá, o filósofo, físico e matemático francês desenvolveu o método da dúvida, que questionava todas as ideias e preceitos existentes.²⁷ Para fundamentar o conhecimento, Descartes propõe a rejeição a tudo aquilo que pode ser duvidado. Esse pensamento deu origem à tradição racionalista que se baseia no entendimento de que o conhecimento racional é inato ao ser humano. Com as propostas de Bacon, esse período filosófico foi o importante para a educação devido à elaboração de metodologias científicas, calcadas em fatos empíricos e técnicos, para que as pesquisas produzam conhecimentos seguros e verdadeiros.

Opondo-se à educação do cenário educacional francês do século XVIII, em particular devido à influência dos grupos religiosos, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) preconizou um tipo de educação que primava pelo indivíduo e o seu autoconhecimento como condição vital para se atingir a felicidade. No mesmo paradigma aristotélico em relação à busca da felicidade como um ato político, Rousseau valorizava os elementos intrínsecos do indivíduo dispostos pela natureza. O objetivo da educação, para Rousseau, era desenvolver a autonomia de modo que o indivíduo agisse e pensasse por contra própria e se tornasse responsável pelo seu próprio destino.²⁸ A educação deveria ser direcionada pela razão, mas não pelo divino. Assim, o filósofo social, teórico político e escritor suíço resgatava a abordagem naturalista, rompia com a educação religiosa e propagava uma educação libertadora. Rousseau é considerado como um dos grandes filósofos da educação, com fortes influências na pedagogia contemporânea. Seus pensamentos

27 Cf. R. DESCARTES, *Discurso do método*, 2001, p. 71.

28 Cf. J. J. ROUSSEAU, *Emílio ou da Educação*, 1999, p. 100.

revolucionários foram alguns dos fomentos semeadores da Revolução Francesa em 1789.²⁹

O Iluminismo, que tinha como lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, serviu de forte inspiração para a Revolução Francesa (1789-1799). A partir da consciência de classe que era o centro do conteúdo programático, a Revolução Francesa tentou plasmar o educando. A burguesia tinha clareza do que queria da educação: trabalhadores com formação de cidadãos partícipes de uma nova sociedade liberal e democrática.³⁰ No mais, a Revolução Francesa foi o trampolim para a aprovação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, também feita pela França.

Nas décadas seguintes essa declaração influenciaria publicações similares em outros países da Europa e da América Latina. O movimento iluminista, que sacudiu a Europa no século XVIII, combatia o teocentrismo da Idade Média e defendia que o indivíduo deveria ser senhor de si mesmo e tomar decisões com base na razão. Assim, com direitos civis garantidos, os cidadãos e cidadãs de diversas camadas da sociedade passam a ter acesso à educação. O conhecimento começa, então, a se democratizar e inspira os constructos para os processos educativos transformadores.

Também na toada da racionalidade, para Hegel (1770-1831), tudo o que é real é determinado pela razão, e tudo o que é racional define a realidade.³¹ A principal dificuldade é entender a justificativa que a perspectiva hegeliana propõe entre o racional e o real, pois como ambos estão sempre interligados, nada existe que não tenha fundamento racional, como também não há racionalidade que de algum modo ou em algum momento gere algo que se realize. Assim, pela ótica hegeliana, todo e qualquer acontecimento é decorrente da racionalidade absoluta.

Pela perspectiva do materialismo histórico-dialético,³² a educação deveria ser um processo revolucionário, que transforma

29 Cf. M. L. A. ARANHA, *História da Educação*, 1989, p. 17.

30 Cf. M. GADOTTI, *Perspectivas Atuais da Educação*, in *São Paulo em Perspectiva* 2 (2000), p. 9.

31 Cf. G. W. F. HEGEL, *Introdução à História da Filosofia*, 1974, p. 132 e G. W. F. HEGEL, *Princípios da Filosofia do Direito*, 1990, p. 186.

32 Cf. K. MARX, *A ideologia alemã*, 1979, p. 71.

a realidade, pois esta influencia a ideia, e a ideia influencia a realidade, num processo dialético. Para Karl Marx (1818-1883), a ação humana é determinada pelas relações realizadas com outros e com a natureza. Essas ligações constituem o indivíduo, o qual, por sua vez, estrutura o mundo e suas relações sociais, numa sucessão ininterrupta e infinita de acontecimentos, também de forma dialética. Portanto, o indivíduo é um ser social. É partir dessa premissa que a ação escolar deveria se estruturar. Sendo um movimento revolucionário, na visão do filósofo, sociólogo, historiador, economista, jornalista e revolucionário socialista prussiano, a educação, então, deveria ser um advento que fomente a transformação.

Frente a esse percurso cronológico das principais inspirações filosóficas da Idade Média, sobretudo das pós-renascentistas, e algumas da Idade Moderna, esses períodos, de forma geral, são marcados pelo humanismo e, em particular, pela racionalidade.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi discutir algumas das principais proposições filosóficas que pautam concepções do processo educativo, desde a Grécia antiga até o final da Idade Moderna e os primórdios da Idade Contemporânea, ou seja, entre os séculos XVIII e XIX. A centralidade foi refletir sobre as matizes filosóficas que medeiam a educação orientada para a transformação e/ou para a estagnação.

Primeiro, as concepções de Platão e Aristóteles em relação à educação foram resumidamente discutidas. Observa-se que a justiça, a felicidade individual e coletiva são elementos fulcrais nos processos educativos, de acordo com os pensamentos desses icônicos filósofos gregos.

Posteriormente, viu-se que a Igreja dominava os primórdios da Idade Média. Sua representatividade ditava todas as esferas da sociedade, inclusive da educação. Os cristãos gozavam de privilégios no que diz respeito aos processos educativos. *A priori*, com exceção do pensamento tomista, o teocentrismo regia as normas e conteúdos escolares. Os pagãos, colocados à margem da sociedade, sofriam com o analfabetismo e a pobreza. Não tinham acesso a

educação, pois somente a burguesia despendia de recursos financeiros. A desigualdade social se instaura e a educação estagnada e fortalece.

Com o advento do Renascimento, numerosas transformações artísticas, ideológicas, políticas, filosóficas, científicas e culturais afloraram. A visão racionalista dos acontecimentos e dos fenômenos naturais se tornam expoentes no modo de pensar e na construção dos saberes. O antropocentrismo se robustece e a educação transformadora desponta num horizonte alvissareiro.

A partir desse movimento cultural ocorrido aproximadamente entre meados do século XIV e o fim do século XVI, calcadas no humanismo, as proposições filosóficas que prosperaram, de modo geral, tinham como cerne a razão. A base que fundamenta a educação se esmera nos direitos sociais, na individualidade, na liberdade, na realidade, nos fatos, na essência humana, na autonomia e no coletivo. A educação transformadora e emancipatória se revigoram.

Arrebatado pelas correntes filosóficas propagadas, principalmente, a partir do Renascimento, este artigo entende que educar é um ato que visa à formação da cidadania, além de desenvolver as habilidades físico-motoras e psíquico-afetivas, bem como a autonomia e o bem-estar comum da coletividade. No mais, a educação está vinculada com a política no que diz respeito à tomada da consciência em prol da felicidade da sociedade, como um todo. Mais particularmente, pela ótica deste artigo, a educação para a cidadania significa entender que cada indivíduo, independentemente de etnia, gênero, faixa etária, inclinação religiosa, condição social e orientação sexual, é um agente de transformação social. Esse tipo de educação, voltada para a cidadania, *a priori*, permite que os indivíduos participem das decisões políticas. Um projeto pedagógico participativo, com toda a comunidade, poderia ser uma alternativa para a educação transformadora e questionadora.

Desenvolver o pensamento crítico, problematizar o *status quo*, abraçar a superdiversidade e valorizar a nossa condição humana sócio-histórica-cultural são alguns elementos fundamentais que deveriam pautar a ação educativa. Mais especi-

ficamente, à luz das proposições filosóficas da Grécia antiga e pós-renascentistas aqui apresentadas, pode-se dizer que o papel da educação é, dentre outros: a) questionar ideias, práticas e valores não considerando nada do real como óbvio, normal, natural, mas problemático e questionador; b) avaliar os pressupostos e implicações de valores, saberes, ideologias e práticas dominantes; c) enfrentar e combater o preconceito no cenário das práticas escolares, e claro, na sociedade, como um todo; d) pensar com e contra uma história do pensamento autoritário, dogmático e doutrinador; f) fomentar a igualdade social e o pensamento crítico e democrático.

Por terem fundamentos basilares que edificam pensamentos, as correntes filosóficas podem ser entendidas como posições norteadoras que se impõem como forma única, absoluta e verdadeira na educação de um país. Além disso, também podem engessar a visão de ensino-aprendizagem, sem considerar a subjetividade de cada indivíduo, sobretudo, suas emoções e desejos, tampouco o momento sócio-histórico-cultural. Ademais, também podem desdenhar a força política que a ação escolar tem, no sentido de engendrar transformações e propagar a felicidade coletiva.

No entanto, do outro lado, ao entender que nenhuma proposição filosófica é totalizante ou determinista, é importante que se elaborem formas analíticas de se desenvolver o processo de educação de modo que se construam pensamentos críticos e ações docentes emancipadoras e transformadoras, com o intuito de sempre se questionar o *status quo*, e de se prospectar o bem-comum da coletividade.

Referências Bibliográficas

- AITA, E. B.; TULESKI, S. C. *In Perspectivas em Diálogos: Revista de Educação e Sociedade* 7 (2017), Naviraí, p. 97-111.
- ARANHA, M. L. A. *História da Educação*. São Paulo: Editora Moderna, 1989.
- ARISTÓTELES. *Política*. 3ª ed. Brasília: UnB, 1997.
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DROYSEN, J. G. *Alexandre: o grande*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- ESTEFOGO, F.; LIBERALI, F. *A potência afetiva na transgressão de discursos opressores*. Prelo.
- EPICURO. *Carta sobre a felicidade*. São Paulo: UNESP, 2002.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, P. *Conscientização: Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, M. Perspectivas Atuais da Educação. *In São Paulo em Perspectiva* 2 (2000), São Paulo.
- HEGEL, G. W. F. *Introdução à História da Filosofia*. Coimbra: A. Amado, 1974.
- HEGEL, G. W. F. *Princípios da Filosofia do Direito*. Lisboa: Guimarães, 1990.
- LIMA, F. B. G. A constituição da educação escolar moderna: do viés emancipador à estagnação conservadora. *In Germinal: Marxismo e Educação em Debate* 3 (2019), Salvador, p. 260-283.
- LIMA, P. G. Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo. *In Pro-Posições* 3 (2014), Campinas, p. 63-81.

- MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.
- MANUEL, A. J. *Paradigmas de educação na antiguidade greco-romana*. Humanitas, Universidade de Lisboa: Lisboa, 1995. (v. 47).
- MARX, K. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- MOORE, T. *A Utopia*. L&PM: São Paulo, 1997.
- OLIVEIRA, T. Os mosteiros e a institucionalização do ensino na Alta Idade: uma análise da história da educação. In *Série-Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB*, 25 (2008), Campo Grande, p. 207-218.
- PLATÃO, *A República*. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores).
- ROTTERDÃ, E. *A Filosofia de Erasmo de Roterdã*. São Paulo: Madras, 2004.
- ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SCHWARTZMAN, S.; SPIEL, C. *A contribuição da educação para o progresso social*. Ciência & Trópico, 2018.
- ZATERKA, L., BARBOSA, G.L.A. Francis Bacon e a constituição do ideal científico moderno. In MOURA, B. A., e FORATO, T. C. M., *Histórias das ciências, epistemologia, gênero e arte: ensaios para a formação de professores*. São Bernardo do Campo: UFABC, 2017.

Obras Consultadas

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2014.

ARISTÓTELES. *Órganon*. São Paulo: Edipro, 2010.

EPICURO. *Pensamentos, texto integral*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

EPICURO. *Antologia de Textos*. São Paulo: Victor Civita, 1973.

FREIRE, P. *Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes, 1980.

GRANDES PENSADORES. *The School of life*. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).